

O Elo Perdido

*Francisco Sacramento*¹

A utilização da imagem de uma corrente para representar a ligação das partes com o todo não é ocasional e nem uma novidade. Ela faz parte da construção de uma metáfora, na qual a organização e seus colaboradores são representados por uma cadeia onde elos estão unidos interagindo e se comunicando constantemente de maneira contínua e harmônica. Ou deveriam estar! Embora essa seja uma imagem sonhada, a realidade não se comporta exatamente assim. Não há dúvidas sobre a validade de se traçar um paralelo entre a organização e o grupo de pessoas que se relaciona esse conjunto de elos através dos quais passa um fio invisível a ligar tudo e todos.

Mas atenção, sempre existe um anel perdido ou frágil! Assim, encontrá-lo, soldá-lo ou retirá-lo do conjunto para que não ocorra um enfraquecimento global torna-se imprescindível. Para que isso ocorra, é necessário o uso de alguns sentidos elementares. É importante saber ouvir, saber olhar, saber compreender as partes e o todo. No entanto, a constância da visão e audição unilateral, levam-nos a perguntar: “será que vivemos em um mundo de surdos e cegos, que só desejam ver e ouvir o que lhes é agradável?”

Em algumas ocasiões parece-nos que as pessoas estão encapuzadas para o mundo, e que os nós, que as unem a diferentes cenários correm por suas mãos e dedos, mas não as sensibilizam. Estaria a razão dessa realidade atrelada às diferentes mudanças pelas quais a sociedade das organizações e das pessoas passam? Será que o embrutecimento do mundo representado em nossas TVs sob a forma de guerras ou de babás espancando deficientes está tornando a todos insensíveis?

O que é necessário mudar?

A experiência adquirida ao longo dos anos mostra de maneira contundente a importância que é dada pelas pessoas a seu conhecimento, à sua forma de ver, à sua maneira de interpretar, à sua capacidade de manifestar-se de forma ditatorial sobre a

¹ Mestre em Administração pela Universidade Metodista de São Paulo, pós-graduado e graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Membro da Academia de Letras de Araçariguama e Região – cadeira 36 Guilherme de Almeida - email: sacramento_adm@yahoo.com.br

validade da sua solução em detrimento de outras opiniões. É como se o conhecimento e poder fossem irmãos gêmeos e fizessem parte de uma realeza na qual apenas a estirpe é o suficiente para garantir a sabedoria. Parece que voltamos à era dos reis e príncipes onde o importante era ter sangue azul! Cenário onde as correntes serviam apenas para prender prisioneiros, fechar portões, ou segurar elefantes.

O fato que assusta é que as pessoas perderam em algum momento o interesse para ler a vida, os cenários e até uma simples notícia. Não é por acaso que o número de livrarias e editoras diminuiu substancialmente. Qual a relação? Ela é simples: ao ler menos o banco de dados cerebral permanece pobre e a capacidade de entender, ouvir, ver e falar vai definhando.